

A linguagem e o “aquém” da linguagem na psicanálise

Luís Carlos Menezes

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

E-mail: menezes@sbpsp.org.br

Alan Victor Meyer

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

E-mail: avmeyer@uol.com.br

Resumo: No presente trabalho, os autores reafirmam, de um ponto de vista estritamente psicanalítico, o lugar da fala e da linguagem na psicanálise, desde que Freud batizou sua *tekné* de *talking cure*. O que parece óbvio foi, em grande parte, posto de lado pela psicanálise atual, dando destaque à experiência emocional como um “aquém” da linguagem. Lacan, na introdução de seu discurso de Roma – “Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise” –, após enumerar os caminhos pelos quais se enveredou a psicanálise, aponta a “tentação que se apresenta ao analista de abandonar o fundamento da fala”. Devemos uma fidelidade ao espírito dessa posição assumida por Lacan, ao recolocar o que sempre foi o essencial para Freud. Consideramos que nenhuma teoria lingüística pode dar conta da fala e da linguagem na psicanálise e que, nesse sentido, a importância de Heidegger é fundamental, ao oferecer uma ontologia da linguagem que acreditamos ser inerente à prática analítica, enquanto fundação poética da linguagem. Essa posição foi explicitamente assumida por Fédida em seminário sobre o tema em São Paulo, baseando-se nas conferências de Heidegger: *A caminho da fala*. A fundação poética é assim constituição de mundo, onde se dá o “aquém” ou quem sabe o “além” da linguagem. Nesse contexto, mantendo-nos próximos da clínica, acreditamos poder articular a experiência emocional, por mais que as palavras sejam esmagadas em sua capacidade de ressonância, como é tão freqüente na clínica atual.

Palavras-chave: linguagem; pré-verbal; fala poética; experiência emocional.

Abstract: In this paper the authors reaffirm from a strictly psychoanalytical point of view the place of speech and language in psychoanalysis, taking into account that Freud designated his *tekné* as a talking cure. What seems obvious, was to a great extent put aside by actual psychoanalysis, which tends to establish emotional experience as preceding language. Lacan in the introduction to his Rome discourse, "The Function and Field of Speech and Language in Psychoanalysis", after enumerating the different ways taken by psychoanalysis, points to "the temptation for the analyst to abandon the foundation of speech". We owe a certain fidelity to the spirit of this position assumed by Lacan, reestablishing what was always essential for Freud. We also consider that no linguistic theory can suffice to establish the realm of speech and language in psychoanalysis. In this aspect the importance of M. Heidegger is fundamental, as he establishes an ontology of language that we consider to be inerrant to psychoanalytical practice, as poetical foundation of language. This position was explicitly assumed by P.Fédida, in a seminar on this subject in São Paulo, taking as reference "On The Way to Language" by M. Heidegger. The poetical foundation is thus constitution of world, where what precedes comes to be, so as to be able to think the before as beyond. In this context, keeping close to the clinical experience, we believe it is possible to articulate the emotional experience, even if words have been crushed in their capacity of resonance, which is so common in the present.

Key-words: language; pre-verbal; poetical talking; emotional experience.

O que nós, dois psicanalistas, podemos dizer que possa interessar para um diálogo com filósofos? Escolhemos o tema da linguagem. Este ocupa, na psicanálise, um lugar muito particular: problemático, na medida em que é nela que se faz cada análise, cada sonho, cada sintoma,

como é também, evidentemente, por ela que se busca, desde os inícios dessa prática e desse campo de saber, constituir linguagens teóricas que forneçam as condições de inteligibilidade da mesma.

Veremos que, de nosso ponto de vista, trata-se mais precisamente do desafio diante do qual sempre nos encontramos – o de achar linguagens singulares adequadas para dizer aquilo que, pela linguagem, opera na prática da psicanálise e aquilo com o que essa prática nos confronta.

O psicanalista não tem, pois, a mesma relação com a teoria que o filósofo. No trabalho com a teoria, aquele encontra um limite produzido por sua própria prática clínica. Limite que faz com que a sua leitura do texto “não assegure nenhuma fixidez normativa, este se move e trabalha na leitura em função da evolução pessoal do analista” (Fédida 1978). Tanto Fédida como Laplanche salientam, no entanto, que não se trata de qualquer intimidação do analista em relação ao filósofo, uma chantagem sobre a natureza incomunicável da experiência. Trata-se apenas de estabelecer a especificidade de cada um.

No próprio modo de o analista considerar a teoria, está implícita uma linguagem específica em que o conceito adquire valor de metáfora, no sentido grego de transporte. Insistimos que a atividade de linguagem sendo, na análise, o meio em que esta se move, é também o terreno fértil em que se produz a teoria. E essa atividade de linguagem em que se dá cada análise singular, como uma estranha conversa (*Gespräch*), é essencial, já que possibilita uma ligação mais original com a língua.

Quais as singularidades da prática da linguagem no interior do processo analítico? Antes de mais nada, o que se pede ao analisando é falar sem um assunto bem determinado e, a rigor, sem um destinatário preciso. Se essa condição não se encontrar no modo de falar, encontrar-se-á no modo de escuta do analista: este procurará não se deixar absorver pelo assunto sobre o qual discorre o analisando, entregando-se a uma atenção disponível para aspectos marginais ou secundários a este.

A escuta do analista será, pois, sensível a eventuais lapsos, tropeços, alguma fala ou expressão inesperada, a elementos que chamem, na

memória do analista, outros elementos que, “espontaneamente”, possam confluir numa idéia inesperada. O analisando, enquanto fala, procura expor uma certa versão das coisas no assunto de seu interesse, esperando que o analista as ouça no exato lugar e na maneira como elas lhe são apresentadas. Neste sentido, a analista não é um interlocutor fiel, porque, provavelmente, não se encontrará onde a fala do analisando o coloca.

A resposta do analista, provinda de uma escuta descentrada do foco intencional da fala, pode causar um efeito de surpresa e de abertura no paciente, tendo, assim, efeito de interpretação. Isso leva o analisando a viver uma experiência nova, sob fundo denso de vividos conhecidos, mas nunca ditos, na qual se reconhece em algo de essencial para ele. São momentos fecundos da análise em que se quebra a ciranda repetitiva de ditos ocultos, demasiado familiares, dando acesso ao íntimo da fala.

Na quarta parte dos *Estudos sobre a histeria*, Freud faz uma descrição precisa e minuciosa do novo método de tratamento que aparece, nesse texto, claramente, como singular experiência da linguagem (Freud e Breuer 1895). Surgem hipóteses teóricas originais, como a idéia de que o sintoma, de que se queixa o paciente, implica um conflito intrapsíquico. Esse conflito é testemunhado por um dito em falta, pelo dito que, como alma penada, busca se fazer ouvir, mas que, invisível, grita no sintoma: formação de compromisso que se eterniza nesta fala emudecida, mas à qual a análise dará acesso. O que está silenciado, e que é grito-surdo no sintoma e na transferência, é o que Freud chama de recalcado, ou seja, de inconsciente.

Poderá ser útil darmos agora um exemplo do que dissemos até aqui, tirado da clínica de um dos autores exemplo já mencionado em outro trabalho (Menezes 2003). Um paciente no início de sua sessão fala de um sonho: “Eu estava caminhando. Um muro tinha caído e tinha uns cachorros bravos que saíam... Eu continuo caminhando. Depois eu volto e encontro os cachorros ali e tudo bem (há um titubeio no relato, ele parece querer dar conta de um detalhe que não sabe como dizer, como pensar). Na volta é... não sei... como se tivesse rasgado o sonho... entre a

ida e a volta (não sabe bem dizer, baixa a voz tentando liquidar logo este detalhe confuso, bobo, que atrapalha o relato”).

Contado o sonho, ele diz: “Bem, Doutor, o sonho é claro, é a minha agressividade, o muro caiu e já estou mais à vontade com ela, não me assusta tanto”. E por aí vai, eu o acompanho ouvindo, mas meu sentimento é “e daí?”, pois aquelas explicações psicológicas bem-intencionadas vão bem no sentido de seu empenho em viver melhor, mas... Até que me ocorre perguntar a ele sobre a palavra “rasgado”, na esperança de encontrar alguma abertura neste muro sem perspectiva que estava sendo para mim o relato de seu sonho e tudo que estava dizendo sobre ele.

Foi dia de sorte, pois, passado um momento de vacilação, ocorre a ele uma lembrança (o relato da lembrança parece um sonho longínquo): era seu aniversário, mas chegara com notas ruins em casa. A mãe, brava, pega uma fotografia em que está com o filho e a rasga em vários pedaços. Ele chora, profundamente magoado. Ela cola os pedaços da fotografia e lhe pede desculpas. É claro que fica comovido ao reencontrar de repente essa lembrança que possivelmente estava há décadas guardada “no armário”. Acaba evocando outra situação de briga/mágoa e reconciliação amorosa, desta vez, com o pai.

Como costuma acontecer, lembranças que surgem numa análise podem ser bastante significativas em relação aos pontos mais nodais da queixa e do drama histórico pessoal para o qual nos solicita o paciente. “Joãozinho chorão”, como lhe chamavam com frequência na infância, não me deixa esquecer, nos primeiros tempos de sua análise, que “sua mãe era rude com ele”, rudeza essa bem condensada em uma lembrança-encobridora, remota, em que “ele, num berço, estende os braços para a mãe, esta o empurra e ele cai para trás”. Embora muito ativo e bem-sucedido profissionalmente, casado, com vários filhos adolescentes, esse homem era com frequência tomado por um sentimento sombrio, de desvalia e de impotência. Muitas vezes fui testemunha desse estado nas sessões, quando o via invadido por um pesado estado depressivo e que permanecia como um pano de fundo em sua vida.

É importante essa lembrança, que veio não se sabe de onde, surgindo a favor do relato do sonho e sem a qual não sei com que palavras, com que imagens, poderia ele, ou o analista, ter dito a “mesma coisa” que foi ali vivida, senão de uma forma que, por mais sensível que fosse, seria algo abstrato, “vindo de fora”, na vertente das explicações psicológicas – das “teorias”.

A interpretação limitou-se à orientação para “o rasgado” e depois, no decorrer da sessão, em uma observação, óbvia no clima de emoção e de vivacidade que se criara, de transporte (transferência para um lugar intrapsíquico): de que, se a mãe cola os pedaços e o abraça, é por estar comovida com sua tristeza. Nós estamos naquele momento no tempo do sonho em que há uma vivência com qualidade de realidade no tempo presente, sendo dita e ouvida na sessão por um outro, o analista. Isto, para nós, é transferência.

Se fizermos um rápido levantamento, veremos que um modelo e certos conceitos foram tomando corpo; estou pensando em particular no texto de 1895 de Freud, em que a idéia de conflito intrapsíquico supõe um modelo tópico e dinâmico, a noção de defesa e do recalçado no sintoma e na transferência (como aquilo que tenta se dizer). O recalçado é uma figura do inconsciente, pois é suposto operar fora de qualquer possibilidade de consciência para o sujeito, e a própria noção de transferência, que lhe é correlata, aparece ali como deslocamento do foco da consciência. O paradigma dessa metapsicologia em formação é o sonho, o trabalho do sonho, assim como um método de interpretação cuja originalidade Freud reivindica de forma categórica. Podemos considerar esse método de interpretação inédito, como um modo particular de se mover na linguagem, indissociável da invenção da psicanálise.¹

Nessas obras (1895 e 1900), vemos que Freud está conseguindo inventar aquilo a que tinha se proposto em um artigo anterior (1890), sobre “O tratamento psíquico”:

¹ Remetemos o leitor, a este propósito, às primeiras páginas do segundo capítulo da obra *A interpretação dos sonhos* (1900).

[...] tratamento tomando origem na alma, tratamento – de perturbações psíquicas ou corporais – com a ajuda de meios que agem de saída e imediatamente sobre a alma do homem. Este meio é antes de tudo a palavra e as palavras são o instrumento essencial do tratamento psíquico. (p. 2)

O autor afirma que essa abordagem terapêutica poderá causar ceticismo nas pessoas. Pensarão que parece que ele lhes está pedindo para que "creiam na magia" e, se pensarem assim, estarão certos, pois é isso que está propondo, já que "as palavras de nossas falas cotidianas não são senão magia descolorida" (p. 2). Ora, trata-se, para ele, de achar uma maneira de "restituir à palavra ao menos uma parte da magia de outrora" (p. 2).

O artigo que examina o uso do poder da palavra na crença, seja nas práticas religiosas, seja na medicina, detém-se nas razões do fracasso com o recente uso sistemático da hipnose. Apesar desse fracasso, termina com a reafirmação de sua certeza de que, "procedendo com método", será possível desenvolver um "tratamento psíquico moderno" capaz de utilizar essas "armas poderosas", empregadas desde o início dos tempos, ou seja, um tratamento pela fala. A magia das palavras se faz visível literalmente na histeria e no sonho, porque indissociável da cena e daquele que vê. Como tal, a palavra se mostra como imagem, como figura, ponto que é retomado com insistência por Pierre Fédida:

A histérica dá a ver, quer dizer, constitui junto ao analista uma imagem visual daquilo que vê. O analista encontra-se imediatamente tomado pelo aspecto transferencial dessa imagem e capacitado a pôr em palavras o que vê. Como se a escuta analítica, no momento em que ela se constitui e descobre, se dotasse simultaneamente dessa capacidade mimética própria da histeria. [...] E que o que chamamos de transferência seria, então, para a escuta analítica, a capacidade de ser imediatamente sensível ao uso corporal e concreto da linguagem da histeria. (1987)

São evocadoras para nós essas formulações de Fédida que insistem no caráter físico, de vestígios sexuais da língua, presentes nas expressões metafóricas da língua, em particular, nas expressões próprias de seu uso

corriqueiro. Insistência que se estende ao caráter sensível das palavras – em particular na análise – de trazer nelas “a experiência pática de uma verdadeira intuição fenomenológica dos índices e dos gestos, como palavras que os outros nos endereçaram” (ibid.).

E na escuta analítica, o analista é tomado, imediatamente, pelo aspecto transferencial dessa imagem e capacitado a pôr em palavras o que vê. A relação da linguagem com a imagem, a figuração, encontra uma formulação instigante nas palavras do artista plástico Giacometti: “o desenho de um rosto tem menos a ver com a aptidão de um traço para representar o que a vista recebeu, do que com o poder das palavras de engendrar este rosto guiando o lápis ao seu encontro”. Ao que Fédida acrescenta: “daí o poder do desenho de fazer a linguagem entrar em crise, no abandono da banalidade. O poeta é sempre aquele que deixa o desenho das coisas recolher-se na escritura das palavras ao sair do sono em que a fala cotidiana da língua as mantém”. O autor chama a isso “atividade poética de metáfora”, pensando designar assim “o espaço que a palavra engendra para tomar ressonância daquilo que vê, daquilo que toca, daquilo que sente” (Fédida 1983-1985, pp.15-6).

É assim que o autor situa, no centro da escuta e do processo analítico, ou seja, como o desafio para o fazer clínico, a sensibilidade às potencialidades da linguagem: “Cada paciente, em seu tratamento, solicita o terapeuta na fonte de sua linguagem, colocando esta última à prova de sua renovação, de sua potência poética” (ibid. p. 28). Nesta perspectiva, a manutenção das condições de linguagem do analista, o tempo todo ameaçada na análise, sobretudo em condições particularmente difíceis, representa a principal dificuldade no processo analítico.

É notória a presença de Heidegger no pensamento de Fédida, ao qual se refere por vezes, como na evocação destes versos do poema “A palavra” (*Das Wort*), de Stefan Georg, interpretado por Heidegger em seu texto *A caminho da fala*:

Assim aprendi triste a renúncia,
Nenhuma coisa está onde falta a palavra.²

E, sobre o qual Heidegger escreveu, em citação de Fédida:

[...] se é verdade que o ser humano tem na fala o sítio do seu Da-sein, quer ele o saiba ou não, então uma experiência que fazemos com a fala vai vir nos tocar o coração da articulação de nosso ser-aí. Por essa experiência podemos ser tornados outros, da noite para o dia, ou no decorrer do tempo. (Fédida 1987)

Encontramos em Heidegger a expressão “experiência com a fala” (*Sprachgebrauch*), como dura travessia que nos aproxima, em nosso modo de ver – na esteira de Freud – do próprio processo analítico. E a preocupação de Heidegger com o risco do empobrecimento, da perda, da experiência da fala no mundo contemporâneo – em que o predomínio de uma linguagem instrumental possa levar ao esquecimento da singularidade da condição humana, cuja experiência ficaria, então, reduzida a um dizer no qual ela ficasse também totalmente objetivada – encontra forte eco na psicanálise como a entendemos, em cada momento da “técnica” (no sentido grego de *tekne*), do fazer em análise.

A esse propósito, Fédida, em sintonia, pois, com Heidegger, nos diz que “a experiência a mais trágica é de alguém que pode continuar falando, se comunicar bem, ser eficiente na vida social, mas que perdeu o contato com a própria fala” (1987). A fala, nesse caso, torna-se puro presente, perdendo as múltiplas temporalidades, as memórias que lhe são inerentes, que lhe dão a densidade do vivido humano.

No filme *O caçador de andróides* (*Blade runner*), de Ridley Scott, à forma mais avançada de andróide é dada a possibilidade de ter memória, quer dizer, tempo, história, intimidade. A uma andróide essa memória é fornecida pela sobrinha de Tyrell, o genial criador de andróides; e essa

² Heidegger 1987, p. 198. O original alemão: “So lernt ich traurig den verzicht Kein ding sein wo das Wort gebricht”.

moça, em sua busca de se humanizar, cultiva cada marca dessa memória, seja pela foto dela menina (que nunca foi – mas está sendo, ou tentando ser), seja ao tocar ao piano músicas que aprendera outrora com a mãe. Já no caso “trágico” de uma fala esvaziada de memórias, temos a situação inversa, em que o ser humano perde a humanidade em favor da busca da eficiência e da operatividade da linguagem.

Essa é a problemática visada pelo psicanalista francês, J. Lacan, em sua intervenção, no início dos anos 50. Mostra-se ali seriamente preocupado com a perda da perspectiva inaugural da psicanálise, na qual a linguagem ocupava o lugar central, o meio em que evolve o seu fazer, em favor de concepções tecnicistas, objetivantes, que não viam mais na linguagem senão a sua dimensão instrumental, comunicativa, referindo-se a algo que existiria em si. O foco fora, segundo ele, deslocado do terreno da linguagem para o dos “processos psíquicos”, dos quais se trataria de falar na análise para que pudessem ser apreendidos e compreendidos.

Podemos considerar o “Discurso de Roma”, pronunciado em 1953, como um veemente manifesto nesse sentido. Significativo é já o título deste: “Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise”. Ao descuidarem dessa centragem no poder “mágico” da fala, que Freud chamava de “magia lenta”, os analistas estariam, diz Lacan, cedendo à “tentação de abandonar o fundamento da fala, justamente nos domínios em que o seu uso, por confinar ao inefável, requeria mais que nunca a sua consideração” (1953, p. 243).

Ao desenvolver suas concepções sobre a natureza imaginária do Eu, Lacan questiona as concepções centradas num “aqui e agora” próprio às teorias das relações de objeto. Diz ele que, se estas negligenciarem a relação simbólica que opera nas relações imaginárias visadas por aqueles analistas, podem levar o paciente “à captura em uma objetivação, não menos imaginária... em um estatuto renovado de sua alienação” (1953, p. 251).³

³ Em suas *Novas conferências* (Freud 1933), na XXXI Conferência, Freud atribui a um auditor a pergunta indignada: “O Eu é o sujeito no sentido mais próprio, como poderia ele se tornar objeto? Não há dúvidas, no entanto, que podemos fazer isto. O Eu

Para dar conta do que chama de palavra plena, em contraposição à fala vazia – que no nosso exemplo clínico seria a palavra “rasgado” e a abertura que ela propicia –, Lacan recorre a Heidegger. A palavra plena diria o sujeito, “na linguagem heideggeriana”, como sendo aquele que assim foi, na unidade interna dessa temporalização em que os *sendo* marcam a convergência dos tendo sido (Lacan 1953). Como Fédida, é também à “revelação histórica” que Lacan se reporta ao encontrar na fala histórica “o nascimento da verdade” que não remete ao que é verdadeiro ou falso, mas à realidade como revelação na fala presente e da qual (esta fala) dá testemunho, ao mesmo tempo que a funda (a verdade) em nome dessa realidade. Na realidade que ali se constitui, “somente a palavra testemunha desta parte das potências do passado que tinham sido afastadas em cada encruzilhada onde o acontecimento a escolheu” (ibid.). É uma maneira – em “linguagem heideggeriana” – de dizer a supressão do recalque como a descrevemos, referindo-nos ao texto de 1895 de Freud.

A influência dessa recentragem da psicanálise no terreno da linguagem, feita por Lacan nos anos 50, marcou de forma decisiva o pensamento dos psicanalistas franceses, qualquer que seja a originalidade de suas diferentes obras, influenciando também decisivamente na prática clínica destes, nos últimos 50 anos. Isso, independentemente do entusiasmo ou da animosidade que sua obra e sua pessoa possam ter despertado entre eles.

Chegamos à questão “das bordas da linguagem”, importante para o psicanalista, mesmo se pensarmos que a experiência humana é indissociável da linguagem e da densidade temporal que esta implica. Nos recusamos a pensar que a chamada vivência corporal, por exemplo, se refere *a um dado interno de positividade subjetiva*, precedendo o ato de tentar dizê-la. Esta última, para um psicanalista, em nosso modo de ver, deve nos levar, em nossa escuta, a interrogar-nos sobre o modo de relação da

pode se tomar ele mesmo como objeto, se tratar como a outros objetos, se observar, se criticar e fazer ainda Deus sabe o que com ele mesmo” (Freud 1933, p. 82).

fala ao corpo, diferente numa fala histérica, hipocondríaca ou de alguém que tem uma doença orgânica (Fédida 1977).

Lacan dizia em nossa citação que, justamente por termos de nos haver com situações clínicas que dizem respeito ao inefável, mais temos de nos ocupar com a linguagem na análise. Fédida, referindo-se a uma peça de Ésquilo, afirma que “a experiência da fala é a tentativa de falar, é o risco de não encontrar palavras e então ser aniquilado pela vivência” (ibid. 1987).

Lacan, no Seminário sobre a técnica (1953-54), interroga-se sobre como operar na análise em condições em que a fala perde a sua densidade, se degrada, para não dizer mais nada. Analista e analisando são entregues a uma “interpsicologia” do ego e do *alter ego*. A esse respeito, questiona Lacan:

[...] quando a palavra deixa de poder ser mediação, mas somente violência implícita, redução do outro a uma função correlativa do eu do sujeito, que podemos fazer para manejar ainda validamente a fala na experiência analítica? Por que o outro (o analista) se torna tanto menos verdadeiramente outro quanto mais se torna exclusivamente função de apoio? (1954-55, p. 62)

Balint descreve essa situação, de colapso da fala, como aquela em que “uma interpretação não é mais uma interpretação”, e que, em sua concepção, corresponde à condição da falha básica (1967). J-B Pontalis se refere também a situações-limite (nos limites do analisável) em que a linguagem como que entra em pane (1980). Para nós, é assim que essa questão deve ser colocada: em termos de uma linguagem em colapso. Pensar em termos de um “aquém” da linguagem, na forma do tão decantado pré-verbal, nos torna reféns da miragem realista de um tempo sem linguagem ou no qual esta não contaria na constituição da experiência humana, o que nos parece bastante duvidoso. A evocação da condição da criança de colo, do bebê com sua mãe é, naturalmente, o protótipo para essa condição, tomada em sua forma mais realística, a tal ponto que, entre muitos analistas, a prática da “observação de bebês” passou a ser

uma fonte de primeira mão para o aprendizado da psicanálise, nutrindo por vezes de forma monotemática o imaginário do analista na escuta de seus pacientes.

Fédida, no seminário mencionado, lembra-nos da magnífica obra de P. Clastres sobre a língua guarani, em que ele mostra palavras que dispõem de uma gestualística indicada no interior da palavra e que implica a capacidade dessas palavras de se fazerem ouvir. Mas, o mais interessante nessa referência para nós, psicanalistas, é a imagem do maternal, que ali não toma o caminho do que para nós constitui o materno. São palavras que carregam no seu interior certos lugares, nichos ou ocos, referidos a lugares maternos da escuta e que não se deixam representar sob a forma de imagens maternas (Fédida 1987).

Entendemos, portanto, que a linguagem permanece no terreno da análise, mesmo nessas condições. Em que outro poderia estar? Somos obrigados a sustentar vividos intensos, esmagadores, difíceis, áridos, penosos, tanto para o analisando como para o analista, e confiar que dali surgirá alguma palavra com poder de dizer, de ordenar, de introduzir algo da ordem do sentido, com poder de metáfora. São pontos em que se juntam o “fundo da linguagem” e o “fundo do caos” para dar origem à metáfora.

Aqui Fédida recorre de novo a Heidegger – ao seu ensaio sobre o logos de Heráclito –, traduzido por Lacan na época em que apresentou seu Discurso de Roma; nesse ensaio, Heidegger esclarece o sentido da palavra logos, reportando ao sentido original de *legein* em Heráclito. A palavra grega *legein* evoca a colheita, o recolher “juntando” e o “pôr-em-reposo”, “que confia ao dizer o ato de surgimento da coisa e o desvelamento do ente” (1978, p. 19). Fédida, ao apontar, com base no texto de Heidegger, para a co-essencialidade entre o *legein*, a escrita e a escuta, vai permitir um desenvolvimento mais essencial do sentido da escrita em psicanálise. A escrita, para ele, está estreitamente ligada à idéia de inscrição, de instauração de marcas, de constituição de memórias, pertencendo à atividade de linguagem na análise, seja no analista ou no analisando,

constituindo a “metáfora essencial do logos” e, assim, o “fundamento do ser da palavra” (1978).

Uma vinheta clínica poderá ilustrar aquilo de que estamos falando. Trata-se da análise de uma jovem mulher. Nos primeiros tempos, eram freqüentes sessões em que os silêncios eram entrecortados por palavras soltas que designavam animais ou coisas monstruosas: “um porco com cabeça de mula”, “corpo de lagarto, bico de papagaio”, “um girino, cabeça, com braços”, etc., e expressões como “que horror”, “noite negra”. Palavras que, designando coisas estranhas, inquietantes, estavam fechadas sobre si mesmas, exprimindo apenas a sideração traumática da paciente.

Alternavam-se seqüências em que aparecia uma fala articulada, com encadeamentos muito imaginativos, singularmente poéticos, por vezes, incluindo o relato de sonhos que, na verdade, eram pesadelos. Nestes, o horror, apenas indicado por palavras isoladas, tomava a forma de seqüências aterrorizantes, bem mais expressivas, tanto pelo conteúdo como pelo afeto. As próprias sessões tendiam a transcorrer num clima onírico, de transe, cujo conteúdo era o nojo e a intensa repulsa que sentia por si mesma e por sua origem. Uma visão monstruosa e repugnante da mãe era constantemente evocada.

Depois de uma sessão bastante sofrida, em que estava assombrada pela visão de uma “coisa preta, cabeluda, enorme”, ela chega sorridente, dando a impressão de estar mais alegre. O analista teve a expectativa de uma sessão mais leve. Não é o que acontece. Ele a solicita a falar depois de terem ficado algum tempo em silêncio. Chorando, diz que está numa ilha de tristeza, que se sente por um fio e que está atravessando uma tormenta desde que deitou. De fato, fala baixo, como alguém muito assustado:

“A mãe está olhando...”

“Eu embaixo da terra...”

O analista lhe pergunta: “Eu embaixo da terra, como?”.

Ela: “Não estou embaixo da terra...” “É como a Virgem”, e faz um gesto mostrando para baixo do divã.

Nova pergunta do analista: “Quem é a Virgem?”.

Ela: “Minha mãe... Tem algo que vai do estômago até o nariz... o holocausto é aí. Esta coisa morta, horrível... não consigo me separar dela. Me dói por aqui.” Ela mostra o tórax, os ombros e as costas.

O analista lhe diz: “É a parte mais difícil... neste parto?...”.

Ela: “Será que ela sofreu tanto como estou sofrendo agora? Que coisa horrível!”.

Nessa seqüência, a interpretação – “é a parte mais difícil neste parto” – levou à constituição de uma representação (metáfora) – um parto – que deu sentido e coerência a uma vivência confusional na qual sensações dolorosas do corpo e falas fragmentadas eram um balbucio impotente.

Embora essa imagem tenha ocorrido ao analista no instante em que falou, não se trata de uma imagem qualquer. Lembranças pré-conscientes de sua escuta anterior contribuíram, sem dúvida, para a sua formação e o desenrolar da análise, não só pela recorrência de imagens semelhantes como pelo “clima transferencial oniróide” em que transcorriam as sessões, em que falas do analista e dela pareciam se interpenetrar, indiferenciadas, apontando para a insistência repetitiva de uma representação inarticulada desta ordem. O que se atualiza, de um modo quase alucinatório na forma de odores, de líquidos barrentos e de sensações de contato com a carne viva, rutilante, é a imagem de uma sensibilidade absorvente que horroriza por seu arcaísmo.

O poder da interpretação reside aqui nos efeitos de deslocamento, de desideração das possibilidades de pensamento e de fala, produzidas pela introdução de um *script* nesse pesadelo transferencial, de maneira a desfazê-lo paulatinamente através de palavras que abrem para uma história possível. História passada ou futura, pouco importa, uma e outra se situam no mesmo plano, ambas são tempos gramaticais equivalentes na fala, que vai, então, poder articular-se, subtraída à intemporalidade própria dos processos primários.

Por outro lado, não cremos que nessa sessão a paciente pudesse estar “revivendo” o parto de seu nascimento, embora ela tenha pensado imediatamente no parto em que nasceu e que fora de fato extremamente difícil. Identifica-se com a mãe no parto, ao mesmo tempo em que se

diferencia dela e, portanto, do analista, já que ela própria estaria vivendo um parto naquele instante: “Será que ela sofreu tanto como estou sofrendo?”.

O traumatismo que estava vivendo ali não era o do seu parto, mas passou a ser como um parto. É possível, no entanto, que nessa vivência, restos mnêmicos arcaicos ligados às dores, aos líquidos, ao sangue, às pressões do parto possam constituir significantes não-verbais, efetivamente presentes na construção dessa fantasia; mas isso fica do lado do inacessível, do desconhecido. De toda maneira, a fantasia à qual a fala do analista deu forma, e que foi precisando a seguir, se compõe dela, da mãe e de uma ação em que ambas estão imbricadas em num parto horroroso, interminável. Uma vez constituída essa metáfora ou representação, ela abre para novas possibilidades no desenrolar do processo analítico, descrito mais detidamente em outro texto de um de nós (Menezes 1991).

Podemos, agora, concluindo, retomar a questão, mencionada anteriormente, da teoria em psicanálise. Dissemos que a psicanálise precisa buscar incessantemente linguagens que façam sentido para aquele que dela fala, se este for um analista, de forma que o dito traga com ele repercussões, impasses, desdobramentos e insistências sintomáticas. A atividade de produção teórica do analista só será útil para ele se for capaz de produzir eco no colega que o ouve ou o lê, como vindo de dentro do que é dito.

Uma exposição que obedecesse a uma lógica discursiva e explicativa engenhosa, com vistas à exata compreensão demonstrativa da questão em foco, teria poucas chances de afetar um psicanalista, e nada conteria de seu trabalho de análise, no sentido em que Freud fala de trabalho do sonho, trabalho de luto, perlaboração (*Durcharbeitung*) e elaboração (*Verarbeitung*). Quando falamos em trabalho de análise, não nos referimos a uma idéia de auto-análise, mas ao trabalho no dia-a-dia do consultório, o caso e os conceitos sobre os quais eventualmente estejamos falando, às ocasiões de escuta em supervisão, seja como supervisor, seja como supervisionando, às leituras de escritos psicanalíticos ou outros, aos sonhos, aos filmes que vimos, aos poemas que lemos, às coisas que nos aconteceram...

É nessas condições que vemos a *démarche* freudiana, a construção de sua obra e, portanto, também, a justa maneira de se aproximar de sua obra nos seminários e nos trabalhos de leitura da mesma. Como escreve W. Granoff: "Freud absteve-se de definições sistemáticas e não se afastou de seus procedimentos narrativos e descritivos, de seu modo tão particular de representação e de figuração" (1984).

D. G. Ornston Jr., num texto a propósito da tradução de Freud, argumenta que "na Inglaterra pós-vitoriana, quando foi iniciada a tradução de Stratchey, para um homem de ciência havia um único método científico, o lógico-positivista..." enquanto que a tradição na Áustria, nos tempos de estudante de Freud, era outra e cita a afirmação de um conhecido professor da Universidade de Viena da época, que considera um equívoco a oposição corrente entre ciência e arte, concluindo que "a fantasia é a mãe de uma e de outra". Prossegue, afirmando que encontra no original (não na tradução de Stratchey) o que chama de "ironia romântica" de um Freud que "zomba sutilmente de seus grandes modelos" e que persuade justamente porque "nunca parece tomar a mesma perspectiva por muito tempo" (Ornston Jr. 1988).

Se houver algum grão de verdade nisso, fica mais compreensível por que este médico, quase um cientista, formado na tradição de cientistas liderados por Helmholtz, e que passou a vida reafirmando a sua intenção de fazer da Psicanálise uma ciência como a Química, a Física e a Fisiologia, trata o exuberante e minucioso dispositivo conceitual que foi construindo e transformando sob o nome de metapsicologia, de "feiticeira", e chama um de seus conceitos de maior peso, o das pulsões, de "nossa mitologia", dizendo que o analista deve ser capaz de "fantasiar metapsicologicamente".

A sua metapsicologia é de fato um dispositivo que dispensa prescrições sobre o fazer analítico, pois contém nela, na maneira como cada analista dela se apropria, as condições, em toda a latitude necessária, de inventividade potencial que a singularidade de cada análise exige do analista.

Referências

- Balint, Michael 1967: *Le défaut fondamental*. Paris, Petit Bibliothèque Payot, 1979.
- Fédida, Pierre 1977: *Corps du vide et espace de séance*. Paris, Jean-Pierre Délarge.
- ____ 1978: *L'absence*. Paris, Gallimard.
- ____ 1983-1985: "Do sonho à linguagem". In: *Nome, figura e memória*. São Paulo, Escuta, 1992, pp. 13-50.
- ____ 1987 "Conferências sobre a linguagem". São Paulo, inédito (citações com base em notas transcritas por Alan V. Meyer).
- Freud, Sigmund 1890: "Traitement psychique". In: *Résultats, idées, problèmes*. v. I (1890-1920). Paris, PUF, pp. 1-23.
- ____ 1900: *L'interprétation des rêves*. Paris, PUF, 1973.
- ____ 1933: *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*. Paris, Gallimard, 1984.
- Freud, Sigmund e Breuer, Joseph 1895: *Études sur l'hystérie*. Paris, PUF, 1978.
- Granoff, Wladimir 1984: "Freud écrivain: traduire ou standardiser?". *L'écrit du temps*, n. 7.
- Heidegger, Martin 1987: "La Palabra". In: *De camino al habla*. Barcelona, Del Serbal-Guitard.
- Lacan, Jacques 1953: *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse*. Paris, Seuil, 1966, pp. 237-322.
- ____ 1954-1955: *Le séminaire I: les écrits techniques de Freud*. Paris, Seuil.
- Menezes, Luís C. 1991: "O trabalho da interpretação". In: *Fundamentos de uma clínica freudiana*. São Paulo, Escuta, 2001, pp. 47-54.
- ____ 2003: "Processos psicanalíticos e mudança psíquica". *Revista brasileira de psicanálise*, v. 37, n. 2/3, pp. 409-20.
- Ornston Jr., D. 1988: "How standard is the Standard Edition?". In: *Freud in Exile*. EUA, Yale University.
- Pontalis, Jean B. 1980: "Réaction thérapeutique négative: essai de définition". *European Psycho-analytical Fédération*, Bulletin 15, pp. 30-1.